MARIE-CATHERINE
LE JUMEL DE BARNEVILLE
MADAME D'AULNOY

O Pássaro Azul



TEXTO INTEGRAL TRADUZIDO POR
PAULO CÉSAR RIBEIRO FILHO

VISIT...

LANZAROTE Caliente.COM

MARIE-CATHERINE
LE JUMEL DE BARNEVILLE
MADAME D'AULNOY

O Pássaro Azul



TEXTO INTEGRAL TRADUZIDO POR
PAULO CÉSAR RIBEIRO FILHO

MARIE-CATHERINE
LE JUMEL DE BARNEVILLE
MADAME D'AULNOY

O Pássaro Azul

TEXTO INTEGRAL TRADUZIDO POR
PAULO CÉSAR RIBEIRO FILHO

São Paulo
Setembro de 2020

© *Copyright* desta edição: Paulo César Ribeiro Filho, 2020.

Tradução, edição e diagramação
PAULO CÉSAR RIBEIRO FILHO

Ilustrações de capa e miolo
CAPA: Detalhe de ilustração de autoria desconhecida, datada do século XIX.
MIOLO: Gravura de E. Roger presente na edição de 1717 da obra *Le Cabinet des fées*.

Revisão
CRISTINA CASAGRANDE
DAVI PACHECO
FELIPE DE MORAES
JOÃO AUGUSTO REICH
LÍGIA MENNA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barneville, Marie-Catherine Le Jumel de, baronesa de, 1650-1705
O pássaro azul [livro eletrônico] / Marie-Catherine Le Jumel de Barneville;
tradução de Paulo César Ribeiro Filho. — São Paulo: Paulo CésarRibeiro Filho, 2020.
PDF

Título original: *L'Oiseau Bleu*

ISBN 978-65-00-08550-1

1. Contos de fadas - Literatura infantojuvenil
2. Literatura infantojuvenil I. Título.

20-43574CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos de fadas: Literatura infantojuvenil 028.5
2. Contos de fadas: Literatura juvenil 028.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

PAULO CÉSAR RIBEIRO FILHO
Digital — 2020

Sobre a autora

Marie-Catherine Le Jumel de Barneville, a Madame d'Aulnoy, nasceu em 1650 ou 1651 na pequena vila de Barneville-la-Bertrand. Casou-se em 8 de março de 1666 com François de La Motte, barão d'Aulnoy, quando tinha por volta de dezesseis anos. Depois de uma separação marcada por grandes polêmicas, Marie-Catherine passa alguns anos fora da França, transitando entre a Espanha e a Inglaterra. Sua primeira publicação, um romance intitulado *História de Hipólito, Conde de Douglas* (1690) entrou para a história da literatura mundial por conter o primeiro conto de fadas literário de que se tem notícia: *A Ilha da Felicidade*. Amparado por Zéfiro, deus-vento do Oeste, o príncipe russo Adolfo protagoniza uma aventura romântica na ilha inacessível governada pela princesa Felicidade.
Um ano mais tarde, em 1691, Marie-Catherine publica mais duas obras: *Memórias da Corte da Espanha* e *Relatos da Viagem pela Espanha*. Neste último, mais um relato fantástico, a *História de Mira*, que narra a vida e a morte da princesa Mira, mulher cujo olhar fatal é tão letal quanto o do Basilisco. *A Ilha da Felicidade* e a *História de Mira* são títulos atribuídos a episódios enquadrados em uma narrativa maior, indiscriminados no interior das obras em que figuram.
Ainda em 1691, a Madame d'Aulnoy publica sua primeira paráfrase de um salmo bíblico, *Sentimentos de uma Alma Penitente*. Em 1692, é publicado seu romance histórico *História de Jean de Bourbon, Príncipe de Carency* e a coletânea *Novelas Espanholas*. No ano seguinte, vem à lume uma segunda paráfrase de textos bíblicos intitulada *O Retorno de uma Alma a Deus*, e também as suas *Novelas ou Memórias Históricas*, contendo relatos sobre alguns dos acontecimentos mais importantes da história da Europa entre 1672 e 1679. Em 1694, Marie-Catherine publica *Memórias da Corte da Inglaterra*.
É entre 1696 e 1697 que a primeira edição de seus *Contos de Fadas* é publicada. Nessa ocasião, Madame d'Aulnoy instaurou mais um importante marco na história da literatura: a cunhagem do termo "conto de fadas", designação que passou a ser popularmente atribuída a todo conto ou relato de natureza maravilhosa. Dividida em quatro tomos, a obra apresenta quinze contos de fadas e duas novelas. *O Pássaro Azul* é a terceira narrativa do primeiro tomo.

Em 1698, Marie-Catherine lança *Novos Contos ou A Moda das Fadas*, contendo mais oito contos e uma novela. Sua última publicação, *O Conde de Warwick*, data de 1704.

A autora faleceu em Paris a 14 de janeiro de 1705.



Sobre o tradutor

Paulo César Ribeiro Filho, é doutorando em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, área de Literatura Infantil e Juvenil, pela Universidade de São Paulo. Em sua tese de doutorado, traduz e analisa a contística completa de Marie-Catherine Le Jumel de Barneville sob as perspectivas da história cultural e da narratologia estrutural. É mestre em Literatura Portuguesa, bacharel e licenciado em Letras pela mesma instituição. Realizou estágios de investigação na Universidade Nova de Lisboa e na Universidade do Minho, em Portugal. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).



Era uma vez um rei muito rico em terras e tesouros; sua esposa faleceu, deixando-o inconsolável. Trancou-se por oito dias inteiros em um pequeno cômodo, onde continuamente batia a cabeça contra a parede de tão desesperado que estava. Temendo que ele pudesse se matar, colocaram colchões entre a tapeçaria e a parede, de sorte que, mesmo se golpeasse a cabeça com força, não se machucaria. Todos os seus súditos resolveram visitá-lo para lhe dizerem palavras que consolassem sua tristeza. Alguns elaboraram graves e sérios sermões, enquanto outros prepararam discursos leves e cheios de alegria, mas nenhum deles causou efeito algum em seu espírito, pois ele mal ouvia o que lhe diziam. Por último, veio diante dele uma mulher toda encoberta de tecidos escuros, com véu, manto e um longo hábito de luto, que chorava e soluçava tão alto e tão intensamente que ele se encheu de espanto. Ela disse que, ao contrário dos outros, não vinha com o propósito de diminuir sua dor, e sim de aumentá-la, pois nada era mais justo que o pranto de uma boa mulher. Contou que tivera o melhor de todos os maridos, mas, tendo ele falecido, agora restava-lhe apenas chorar enquanto tivesse olhos no rosto. Em seguida, redobrou seu pranto, e o rei, a seu exemplo, começou a se lamentar.

Ele a recebeu melhor que aos outros, entretendo-lhe a falar das

belas qualidades de sua querida defunta; e ela também o fazia, relembrando os adjetivos de seu estimado defunto. Eles conversaram tanto que já não sabiam mais o que dizer a respeito de seus pesares. Quando a fina viúva percebeu que o assunto estava prestes a se esgotar, ergueu um pouco o seu véu, ao que o aflito rei pôde contemplar os olhos daquela pobre angustiada, os quais, propositalmente, ela girava de um lado para o outro, fazendo charme. Eram dois grandes olhos azuis, franjeados por longos cílios escuros. Sua pele estava bastante corada. O rei a admirou com muita atenção. Pouco a pouco ele passou a falar cada vez menos de sua esposa, até que parou por completo. A viúva dizia que sempre lamentaria seu marido, mas o rei lhe pediu que não imortalizasse seu desgosto. Como conclusão, ele surpreendeu a todos ao anunciar que se casaria com aquela mulher, e que suas vestes escuras se verteriam em verde e em cor-de-rosa. Basta somente conhecer as fraquezas dos indivíduos para ganhar seus corações e fazer deles o que bem desejar.

O rei tinha apenas uma filha de seu primeiro casamento, e ela parecia a oitava maravilha do mundo. Deram-lhe o nome de Florina, pois se assemelhava a Flora[1], já que era jovem, bela e cheia de vigor. Ninguém a via trajada em vestes magníficas, pois preferia usar robes macios de tafetá com broches de pedras preciosas e lindas coroas de flores, as quais produziam um efeito admirável quando colocadas sobre seus belos cabelos. Ela tinha apenas quinze anos quando o rei se casou novamente.

A nova rainha mandou buscar sua própria filha, que havia sido criada por sua madrinha, a fada Súcia. Apesar da criação, ela não era nem graciosa e nem bonita. Súcia bem que tentou encantá-la diversas vezes, mas nada funcionou. A fada, no entanto, não deixava de amá-la. Apelidaram a garota de Trutona, pois o seu rosto era cheio de sardas como as de uma truta, seus cabelos escuros eram tão gordurosos e imundos que ninguém ousava tocá-los, e da sua pele amarelada escorria óleo. A rainha a amava loucamente e não falava de outra coisa a não ser da sua encantadora Trutona. Como Florina possuía toda sorte de vantagens em relação à sua estimada filha, a rainha entrou em desespero. Procurava todos os meios possíveis de colocá-la em conflito com o rei. Não havia um dia sequer em que a rainha e Trutona não pregassem alguma peça em Florina. A princesa, que era doce e inteligente, esforçava-se para não se importar com o mau comportamento delas.

Um dia, o rei disse à rainha que Florina e Trutona já estavam maduras o bastante para se casarem, e que cederia a mão de uma das duas ao primeiro príncipe que viesse à corte.

— Quero que minha filha seja a primeira a se casar — replicou a rainha. — Ela é mais velha do que a vossa e também mil vezes mais

amável, convenhamos.
O rei, que não gostava de disputas, disse-lhe que estava de acordo e que poderia proceder como bem quisesse, já que era a soberana.
Algum tempo depois, anunciaram que o rei Charmoso faria uma visita ao reino. Jamais houve um príncipe mais esplêndido e galante do que aquele; seu intelecto e sua personalidade faziam jus ao seu nome. Quando a rainha soube dessa novidade, encarregou todas as bordadeiras, costureiras e artesãos de prepararem peças de vestuário para Trutona. Ela implorou ao rei para que Florina não ganhasse nada novo; subornando suas criadas, fez com que todos os vestidos, grinaldas e pedras preciosas da princesa fossem jogados fora bem no dia da chegada de Charmoso. Quando a princesa foi se vestir, não encontrou nem um laço de fita. Florina bem sabia quem lhe armara aquele revés. Ao sair para comprar tecidos, os mercadores lhe disseram que a rainha os proibira de vender-lhe qualquer coisa. Ela não tinha mais nada para vestir a não ser uma pequena túnica muito suja; de tão envergonhada que estava, meteu-se em um cantinho do salão na ocasião da chegada do rei.
A rainha o recebeu com grandes cerimônias e apresentou-lhe sua filha, a qual se encontrava mais brilhante que o sol e mais feia que o normal por conta de todos aqueles ornamentos. O rei, porém, desviava os olhos da garota. A rainha queria acreditar que Trutona o encantava demais, e, por isso, ele a evitava, para não se apaixonar. Sendo assim, ela sempre dava um jeito de metê-la diante dele. Charmoso perguntou se ali não havia uma outra princesa chamada Florina.
— Sim — disse Trutona, apontando para ela. — Ela está escondida bem ali, pois não é muito corajosa.
Florina corou; ficou tão linda, mas tão linda, que o rei Charmoso permaneceu imóvel, completamente deslumbrado. Depois de alguns instantes, levantou-se rapidamente e, aproximando-se dela, prestou-lhe uma grande reverência, dizendo:
— Madame, vossa incomparável beleza vos adorna tão bem que não necessitais de nenhum outro tipo de recurso.
— Senhor, devo confessar-vos que não estou acostumada a usar vestidos tão inapropriados como este, e também que estaria mais à vontade caso não tivésseis me notado — ela respondeu.
— Seria impossível! — exclamou Charmoso. — Independentemente do lugar em que eu estivesse, não teria olhos para nenhuma outra a não ser para uma princesa tão maravilhosa assim.
— Ah! — vociferou a rainha, irritada. — Que grande perda de tempo! Credes em mim, senhor, Florina já é coquete o bastante. Ela não precisa que lhe digam tantas galanterias.
O rei Charmoso prontamente compreendeu os motivos que levavam a rainha a agir daquela maneira. No entanto, como ele não teve

condições de se conter, deixou transparecer toda sua admiração por Florina e conversou com ela por três horas seguidas.
A rainha desesperou-se. Trutona, por sua vez, estava inconsolável por ter sido preterida. As duas foram prestar grandes queixas ao rei e o forçaram a consentir que, durante a estadia de Charmoso, Florina deveria permanecer trancada para que os dois não se encontrassem. Assim, tão logo a princesa retornou aos seus aposentos, quatro homens mascarados a carregaram para o alto de uma torre e lá a deixaram em profunda desolação. Florina sabia muito bem que aquilo estava sendo feito para impedi-la de agradar ao rei Charmoso, de quem ela já gostava muito e até aceitaria como esposo.
Sem saber das crueldades às quais a princesa estava sendo submetida, o jovem rei, impaciente, permanecia esperando a hora de revê-la. Enquanto aguardava, quis falar a respeito dela com os cortesãos que lhe faziam companhia. Seguindo as ordens da rainha, todos lhe contaram inúmeros impropérios sobre Florina: disseram que ela era uma coquete, esnobe e mal-humorada, que atormentava seus amigos e servos, que era desleixada e tão avarenta que preferia trajar-se como uma pastorinha a ter que comprar apetrechos requintados com as grandes quantias de dinheiro que seu pai lhe dava. Charmoso sofria ao ouvir todos aqueles detalhes, esforçando-se para conter os ímpetos de cólera que o sobrevinham.
— Não — dizia para si mesmo. — Não é possível que o céu tenha colocado uma alma tão miserável no interior de uma obra-prima da natureza. Reconheço que ela não estava propriamente vestida quando a vi, mas a vergonha que expressava era a prova de que não estava acostumada a ser vista daquela forma. Ora! Haveria alguma maldade naquela encantadora expressão de modéstia e doçura? É algo que me foge à razão. Seria bem mais fácil acreditar que apenas a rainha descreveria de tal modo. Sabe-se bem como são as madrastas. A princesa Trutona é um monstro tão horrendo que não seria estranho se ela sentisse inveja da mais perfeita de todas as criaturas.
Enquanto Charmoso pensava em tudo aquilo, a julgar pelo seu semblante, os cortesãos perceberam que o haviam desagradado ao falarem mal de Florina. Entre eles havia um que era mais astuto que os outros; mudando de tom e de linguajar a fim de pôr à prova os sentimentos do príncipe, começou a dizer maravilhas sobre a princesa. Ao ouvir tais motes, Charmoso despertou como de um sono profundo e entrou na conversação tomado por uma alegria que resplandecia sobre sua face. Amor, amor, quão difícil é esconder-te! Estás em todo lugar: nos lábios, nos olhos e no som de voz de quem ama; o silêncio, as conversas, a alegria e a tristeza, tudo passa a expressar o sentimento de quem ama.
A rainha, impaciente para saber se o rei Charmoso estava bem

convencido da vilania da princesa, mandou chamar seus confidentes e passou o resto da noite questionando-os. Tudo o que lhe disseram serviu para confirmar sua tese de que o rei estava apaixonado por Florina.

E o que posso vos dizer a respeito da melancolia daquela pobre princesa? Ela estava deitada no chão do bastilhão daquela horrível torre para onde os mascarados a levaram.

— Seria mais fácil suportar se eles tivessem me trancafiado aqui antes de ter conhecido aquele adorável rei — dizia ela. — As recordações que trago comigo só fazem aumentar a minha dor. Não tenho dúvidas de que a rainha me trata assim tão cruelmente para que eu não o veja nunca mais. Ó! O pouco de beleza com que o céu me agraciou há de me custar caro!

Ela começou a chorar com um amargor tão profundo que até sua pior inimiga teria se comovido caso testemunhasse seu sofrimento.

E foi assim que aquela noite se passou. Na tentativa de persuadir o rei Charmoso, a rainha começou a oferecer-lhe todas as provas de sua atenção: enviou-lhe vestes de riqueza e magnificência ímpares, feitas à moda do país; galardeou-lhe também com a insígnia da ordem dos cavaleiros do amor, a qual ela obrigara o rei a instituir no dia em que se casaram. Tratava-se de um coração de ouro esmaltado com detalhes cor-de-fogo, rodeado de várias flechas e traspassado por uma, com estes dizeres: “Só uma me fere”. A pedido da rainha, o coração fora esculpido em uma enorme pedra de rubi especialmente para Charmoso, tão grande quanto um ovo de avestruz; cada flecha era feita de um único diamante, comprido como um dedo; o colar ao qual o coração estava ataviado era de pérolas, das quais a menor pesava uma libra[2]; enfim, desde que o mundo é mundo, nunca se viu nada igual.

Ao ver aquilo, o rei Charmoso admirou-se tanto que ficou sem fala durante algum tempo. Nesse ínterim, entregaram-lhe um livro cheio de iluminuras admiráveis; as páginas eram de velino[3] e a capa era de ouro cravejada de pedras preciosas; os estatutos da ordem dos cavaleiros do amor estavam ali escritos em um estilo muito enternecedor e muito galante. Disseram ao rei que a princesa que ele havia visto implorava-lhe para que fosse seu cavaleiro e por isso ela lhe enviara aquele presente. Ouvindo aquilo, Charmoso teve a veleidade de pensar que se tratava daquela por quem estava apaixonado.

— Ó! A bela princesa Florina? — indagou. — Ela pensa em mim desse modo tão generoso e cativante?

— Senhor, fazeis confusão — responderam-lhe. — Viemos da parte da afável Trutona.

— Então é a Trutona quem me quer como seu cavaleiro! — disse o rei

com um ar frio e sério. — Lamento não poder aceitar semelhante honra; um soberano não seria senhor de si mesmo se tivesse que assumir todos os compromissos que lhe são propostos. Sei quais são os deveres de um cavaleiro e gostaria de assumi-los todos, mas antes prefiro recusar a oferta que essa princesa me faz do que aceitá-la e tornar-me indigno dela.

Prontamente, devolveu o coração de rubi, o colar e o livro para dentro da corbelha; depois, enviou tudo de volta à rainha e sua filha, que quase explodiram de raiva por conta da maneira depreciativa como a qual o rei estrangeiro havia recebido uma dádiva tão especial.

Em uma ocasião em que Charmoso se encontraria com o rei e a rainha, dirigiu-se aos aposentos reais esperando que Florina estivesse lá; olhava para todos os lados à sua procura. Assim que ouvia alguém entrar na câmara, virava a cabeça bruscamente para a porta; parecia inquieto e infeliz. A maldosa rainha percebia perfeitamente o que se passava em sua alma, mas fingia não saber de nada. Ela não falava de outra coisa a não ser de festas para divertimento; Charmoso mal lhe respondia. Até que finalmente ele resolveu perguntar onde estava a princesa Florina.

— Senhor — respondeu altivamente a rainha. — O rei, seu pai, proibiu-a de sair de seus aposentos até que a minha filha se case.

— E qual seria a razão para se prender uma pessoa tão encantadora? — retorquiu Charmoso.

— Ignoro — disse a rainha. — E mesmo que soubesse, não seria obrigada a vos dizer.

O rei visitante sentia um ódio imensurável; olhava atravessado para Trutona, e pensava consigo mesmo que era por causa daquele pequeno monstro que lhe roubavam o prazer de ver a princesa. Imediatamente deixou o recinto, pois a presença da rainha lhe causava muito sofrimento.

Quando regressou ao seu quarto, pediu a um jovem príncipe que o acompanhava, de quem ele gostava muito, que oferecesse tudo o que houvesse no mundo para ganhar a confiança de qualquer uma das criadas da princesa, a fim de que, em troca, pudesse falar com ela por um momento. O príncipe facilmente encontrou algumas damas do palácio que estavam dispostas a trocar confidências; houve uma que lhe assegurou que, naquela mesma noite, Florina estaria junto a uma pequena janela que dava para o jardim, e que por ali ela poderia falar com ele, desde que tomassem grandes cuidados a fim de que ninguém ficasse sabendo.

— O rei e a rainha são tão severos que me matariam se descobrissem que endossei a paixão do rei Charmoso — ela acrescentou.

O príncipe, contente por ter conseguido aquela informação,

prometeu-lhe que daria tudo o que ela quisesse; depois, correu para comunicar o rei, anunciando-lhe a hora do encontro. A maldosa confidente, porém, não hesitou em ir contar à rainha tudo o que se passava, disposta a obedecer a suas ordens. Imediatamente, a soberana decidiu que enviaria sua filha à janelinha; instruiu-lhe bem e Trutona entendeu tudo, mesmo sendo naturalmente uma grande estúpida.

A noite estava tão escura que seria impossível para o rei perceber a peça que lhe pregavam; ademais, não estava muito prevenido, de modo que se aproximou da janela com arroubos de entusiasmo inexprimíveis. Disse à Trutona tudo o que teria dito à Florina a fim de convencê-la de sua paixão. Trutona, aproveitando-se da conjectura, disse-lhe que ela se achava a pessoa mais infeliz do mundo por ter uma madrasta tão cruel, e que continuaria a sofrer até que a filha dela se casasse. O rei assegurou-lhe de que ficaria exultante em compartilhar sua coroa e seu coração caso ela o aceitasse como esposo. Dizendo isso, tirou um anel do dedo e, colocando-o no dedo de Trutona, afirmou que aquela era a garantia eterna de sua promessa, e que bastava ela decidir a melhor hora para partirem em diligência. Trutona respondeu-lhe da melhor maneira que pôde em meio a todo aquele entusiasmo. Charmoso bem notava que ela não dizia nada que valesse; isso o teria entristecido caso não estivesse convencido de que o medo de ser surpreendida pela rainha é que a impedia de pensar livremente. Só despediu-se dela com a condição de que voltariam a se encontrar no dia seguinte naquela mesma hora, o que ela lhe prometeu de todo seu coração.

Quando soube que o encontro havia sido um sucesso, a rainha criou grandes expectativas. E, de fato, no dia combinado, o rei Charmoso foi buscar a princesa em uma cadeira voadora conduzida por rãs aladas; esse presente lhe fora dado por um feiticeiro que era seu amigo. A noite estava muito escura; Trutona saiu disfarçadamente por uma pequena porta, e o rei, que a esperava, tomou-a em seus braços e jurou-lhe fidelidade eterna centenas de vezes. Porém, como não estava disposto a voar por um longo tempo na cadeira voadora sem antes ter desposado a princesa que amava, perguntou-lhe onde queria que o casamento fosse realizado. Ela lhe disse que tinha por madrinha uma fada chamada Súcia, uma figura muito célebre, e que achava por bem seguirem rumo ao seu castelo. Apesar do rei não conhecer o caminho, bastou apenas pedir às suas vultosas rãs que os levassem até lá; elas conheciam o mapa geral do universo e em pouco tempo conduziram o rei e Trutona ao castelo de Súcia.

O palácio estava muito bem iluminado, tanto que, ao se aproximarem dele, o rei teria se dado conta de seu engano caso a princesa não estivesse cuidadosamente encoberta por um véu. Trutona solicitou a presença de sua madrinha; falou com ela em particular e

contou-lhe como havia enganado Charmoso. Por fim, pediu-lhe que o acalmasse.

— Ah, minha filha, isso não será nada fácil — disse a fada. — Ele ama Florina demasiadamente; estou certa de que isso nos trará problemas.

Enquanto isso, o rei as aguardava numa sala cujas paredes eram feitas de diamantes tão claros e tão límpidos, que através deles pôde testemunhar o diálogo entre Súcia e Trutona. Pensou que estava delirando.

— O quê! — vociferava. — Fui traído? Os demônios trouxeram a inimiga de nossa paz até aqui? Ela veio para atrapalhar o meu casamento? Onde está minha querida Florina que não aparece? Seu pai pode tê-la seguido!

E assim pensou em milhares de coisas que começaram a angustiá-lo. Muito pior, porém, foi quando elas adentraram a sala e Súcia lhe disse em um tom imperioso:

— Rei Charmoso, eis aqui a princesa Trutona, aquela a quem jurastes vossa fidelidade; ela é minha afilhada, e eu desejo que vos caseis sem demora.

— Eu? — protestou ele. — Desposar essa aberração? Acreditais que sou de natureza dócil ao me fazer tais propostas disparatadas. Saibais, porém, que não lhe prometi nada; se ela diz o contrário, ela é uma...

— Não continueis! — interrompeu Súcia. — Jamais ouseis me faltardes com o respeito.

— Concordo em respeitar-vos do modo que uma fada tem de ser respeitada — replicou ele. — Contanto que me entregueis a minha princesa.

— E não sou mais a vossa princesa, enganador? — disse Trutona, mostrando-lhe seu anel. — A quem destes este anel como prova de vossa fidelidade? Com quem falastes junto à janelinha, se não foi comigo?

— Como é? — replicou ele. — Caí em uma cilada? Não, não serei feito de bobo. Vamos, vamos depressa, minhas rãs, partirei agora mesmo.

— Ó! Isso não é algo que podeis fazer sem o meu consentimento — disse Súcia.

Então ela o tocou, e seus pés ficaram presos ao chão, como se estivessem colados.

— Mesmo que me lapideis, ou mesmo que me esfoleis, não serei de nenhuma outra que não seja Florina — disse-lhe o rei. — Estou decidido, podeis usar o vosso poder como bem desejardes.

Súcia usou palavras doces, fez ameaças, promessas e súplicas. Trutona chorou, esperneou, gemeu, encolerizou-se e acalmou-se. O rei

não pronunciou uma palavra sequer, e, olhando para as duas com o ar mais indignado do mundo, não respondeu nada a toda aquela verborreia.

Passaram-se assim vinte dias e vinte noites sem que elas parassem de falar, sem comerem, sem dormirem e sem se assentarem. Enfim, Súcia, exausta e fadigada, disse ao rei:

— Está bem, sois um homem pertinaz que não deseja ouvir a razão. Escolhei: passareis sete anos em penitência por terdes dado falsamente a vossa palavra ou então desposareis minha afilhada.

O rei, que havia permanecido em profundo silêncio até então, exclamou abruptamente:

— Fazei de mim tudo o que desejardes, desde que eu fique livre dessa insolente.

— Insolente sois vós — disse Trutona, enraivecida. — Considero-vos nada mais que um reizinho sedutor que veio ao meu país com sua comitiva brejenta apenas para me dirigir injúrias e me faltar com a palavra. Se tivésseis quatro denares[4] de honra, vós os desperdiçaríeis assim?

— Quantas repreensões tocantes! — disse o rei em tom de pilhéria. — Quão torpe é rejeitar uma pessoa assim tão graciosa como esposa!

— Não, não, isso não mais acontecerá! — exclamou a irada Súcia. — Libertai-vos, tendes apenas que voar por essa janela afora, se assim desejardes, pois sereis por sete anos um pássaro azul.

Naquele mesmo instante, o rei mudou de feição: seus braços cobriram-se de penas e formaram asas; suas pernas e seus pés ficaram negros e diminutos; surgiram-lhe unhas aduncas; seu corpo se apequenou e ficou todo coberto de longas penas finas e macias de cor azul celeste; seus olhos se arredondaram e brilharam como o sol; seu nariz se tornou um bico de marfim; elevou-se sobre sua cabeça um penacho branco que formava uma coroa; cantava majestosamente e falava do mesmo modo. Emitiu um estrilo dolorido quando se viu assim metamorfoseado, depois levantou voo para fugir do funesto palácio de Súcia.

Tomado pela melancolia, pulava de galho em galho e pousava apenas nas árvores consagradas ao amor ou à tristeza: às vezes sobre arbustos de mirtilos, outras sobre os ciprestes. Cantava em tristes tons sobre seu desafortunado destino e o de Florina.

— Em que lugar seus inimigos a esconderam? — dizia ele. — O que terá acontecido àquela graciosa vítima? A bárbara rainha nem sequer permite que ela continue a respirar? Onde hei de encontrá-la? Estou condenado a passar sete anos sem Florina? Pode ser que durante esse tempo façam com que ela se case, então perderei para sempre a esperança que sustenta minha vida.

Esses diferentes pensamentos afligiam o pássaro azul a ponto de fazê-lo desejar a morte.

Enquanto isso, a fada Súcia havia enviado Trutona de volta para a rainha, que estava muito inquieta para saber como as núpcias teriam se passado. Mas quando viu sua filha e esta lhe contou tudo o que havia acontecido, foi tomada por um terrível acesso de raiva, cujas consequências recaíram sobre a pobre Florina.

— É necessário que Florina se arrependa mais de uma vez por ter cativado o rei Charmoso — disse ela.

Em seguida, subiu à torre na companhia de Trutona, a quem adornara com as mais esplendorosas vestes: portava uma coroa de diamantes sobre a cabeça, e três filhas dos mais ricos barões do Estado carregavam a cauda do seu manto real; em seu polegar estava o anel do rei Charmoso, no qual Florinda havia reparado no dia em que conversou com ele. Ela ficou estranhamente surpresa ao ver Trutona envolta em todo aquele aparato pomposo.

— Eis aqui minha filha, que vem apresentar-vos alguns presentes de suas núpcias — disse a rainha. — O rei Charmoso a desposou, ele a ama loucamente, nunca se viu gente mais feliz.

Imediatamente, foram esparramados diante da princesa tecidos de ouro e de prata, pedras preciosas, rendas e laços de fita que se estavam dentro de grandes corbelhas de filigrana de ouro. Enquanto lhe apresentavam todas essas coisas, Trutona não fazia outra coisa se não fazer brilhar o anel do rei, de sorte que a princesa Florina já não podia mais duvidar de seu infortúnio. Ela clamou, em desespero, que lhe tirassem da vista todos aqueles presentes tão funestos; disse que dali em diante não vestiria nada além de preto, ou melhor, que antes preferia morrer. Em seguida, desmaiou. A cruel rainha, felicíssima pelo sucesso de sua investida, não permitiu que a socorressem: deixou-a sozinha no estado mais deplorável do mundo, e foi contar maliciosamente ao rei que a filha dele se encontrava tão perturbada que passara a cometer extravagâncias insanas, de modo que seria prudente pensar duas vezes antes de deixá-la sair da torre. O rei concedeu-lhe autonomia para cuidar desse assunto a seu bel-prazer, assegurando-lhe que sempre estaria de acordo com tudo o que fizesse.

Quando a princesa recobrou a consciência, refletiu sobre a forma com que fora tratada, sobre os maus tratos que recebia de sua indigna madrasta e sobre a esperança que havia perdido por jamais poder se casar com o rei Charmoso. Sua dor era tão intensa que chorou a noite toda; naquele estado, pôs-se junto à janela, onde fez lamentações muito ternas e comoventes. Quando o dia raiou, fechou-a e continuou a chorar.

Na noite seguinte, abriu a janela, suspirou e soluçou profundamente, vertendo uma torrente de lágrimas. O dia veio e ela se

escondeu em sua câmara. Nesse ínterim, o rei Charmoso, ou melhor, o belo pássaro azul, não parava de voar ao redor do palácio, pois julgava que sua querida princesa estivesse ali enclausurada. Se ela proferia tristes lamúrias, as dele não eram menores. Aproximava-se das janelas o máximo que podia na tentativa de bisbilhotar os aposentos; o medo de que Trutona o visse e suspeitasse de que era ele, impedia-o de fazer o que desejava.

— Minha vida está em risco — dizia consigo. — Se essas princesas malvadas descobrissem onde estou, certamente se vingariam; eu seria obrigado a me afastar ou ficaria exposto a perigos ainda maiores.

Esses motivos obrigavam-no a tomar grandes cuidados; diante disso, costumava cantar apenas durante a noite.

Em frente à janela onde Florina se recostava havia um cipreste de prodigiosa altura, na qual o pássaro azul foi pousar. Mal acabara de chegar, ouviu alguém a se lamentar:

— Sofrerei por quanto tempo? — dizia ela. — A morte não virá a meu socorro? Aqueles que a temem encontram-na rapidamente; eu a desejo e a cruel foge de mim. Ó, bárbara rainha, o que te fiz para me manteres em tão terrível cativeiro? Não seria o suficiente me desolares em algum outro lugar? Não foi o bastante eu ter sido testemunha da bonança que tua indigna filha goza com o rei Charmoso?

O pássaro azul não havia perdido nenhuma palavra daquele lamento; muito surpreso, esperou o raiar do dia com grande impaciência para enfim conhecer aquela dama aflita. Porém, antes de despontar a manhã, ela fechou a janela e se retirou.

O curioso pássaro não deixou de regressar na noite seguinte. A lua fazia clarão: foi quando viu uma donzela junto à janela da torre, a qual começou a se queixar:

— Fortuna... — dizia ela. — Tu que agraciavas o meu reinado, tu que me deste o amor de meu pai, o que te fiz para me golpeares tão bruscamente com as mais amargas dores? Não é cedo demais para alguém assim tão jovem começar a ressentir a tua inconstância? Regressa a mim, bárbara, se possível for; suplico-te, acima de tudo, que adiantes de uma vez o meu destino fatal.

O pássaro azul escutava; e quanto mais escutava, mais se convencia de que se tratava de sua amada princesa.

— Adorável Florina, maravilha de nossos dias — disse-lhe ele. — Por que tanto ansiais pelo vosso fim? Vossos males não são irremediáveis.

— Ó! — exclamou ela. — Quem me fala de uma maneira tão consoladora?

— Um rei infeliz que vos ama e jamais amará outro alguém senão a vós — continuou o pássaro.

— Um rei que me ama! — prosseguiu ela. — Essa é mais uma peça que me prega a minha inimiga? No fim das contas, porém, o que ela ganharia com isso? Se ela intenciona descobrir os meus sentimentos, estou prestes a admiti-los.

— Não, minha princesa — respondeu ele. — O amante que vos fala nunca seria capaz de vos trair.

Ao dizer essas palavras, voou para a janela. De início, Florina ficou assustada ao ver um pássaro tão extraordinário, o qual falava com tanta inteligência que até parecia um homem, apesar de conservar a delicada voz de um rouxinol. No fim das contas, a beleza de sua plumagem e o teor de suas belas palavras acabaram por acalmá-la.

— Permiti-me rever-vos, minha princesa? — chilreou ele. — Poderei provar de tão perfeita felicidade sem morrer de alegria? Ó, infelizmente a plenitude do nosso júbilo está interditada pelo vosso cativeiro e pela forma à qual a impiedosa Súcia me reduziu por sete anos!

— E quem sois vós, charmoso pássaro? — indagou a princesa, acariciando-o.

— Haveis dito o meu nome e ainda não me reconhecestes? — questionou o rei.

— O quê? Seríeis vós o maior rei do mundo? — perguntou a princesa. — Seria o rei Charmoso este passarinho que tenho comigo?

— Ora, bela Florina, essa é a pura verdade — replicou ele. — E se há algo que me possa consolar, é saber que preferi este suplício em vez de renunciar à paixão que sinto por vós.

— Por mim? — disse Florina. — Ah! Não queirais me ludibriar! Sei muito bem que haveis desposado Trutona, reconheci vosso anel no dedo dela. Também a vi toda brilhante com os diamantes que lhe destes. Ela veio me insultar na minha triste prisão, ostentando uma magnífica coroa e um manto real que recebera de vossas mãos enquanto eu estava em meio a correntes e grilhões.

— Vistes Trutona com todo esse aparato? — interrompeu o rei. — Aquelas duas ousaram vos dizer que tais joias vieram de mim? Ó, céus! Será possível que terei de escutar mentiras tão escabrosas sem poder me vingar imediatamente? Sabei que elas quiseram me tapear, e, abusando do vosso nome, levaram-me a fugir com aquela medonha Trutona. Porém, no instante em que reconheci o meu erro, quis abandoná-la e, por fim, escolhi ser um pássaro azul durante sete anos em vez de descumprir o voto de fidelidade que tenho para convosco.

Florina sentiu um prazer tão agradável ao ouvir seu amado falar que até se esqueceu dos sofrimentos da prisão. Disse-lhe muitas coisas a fim de consolá-lo por sua triste desventura, assegurando-o de que retribuiria todo aquele sacrifício à altura. O dia despontava, a

maior parte dos oficiais já estava a postos, mas o pássaro azul e a princesa continuavam juntos. Separaram-se penosamente, com a promessa de que todas as noites conversariam daquele jeito.

A alegria de terem se encontrado era tão extrema que não há termos que possam exprimi-la; ambos agradeciam ao amor e ao destino por aquela dádiva. No entanto, Florina temia pela segurança do pássaro azul:

— Quem o protegerá dos caçadores, das garras afiadas de uma águia, ou de algum abutre faminto capaz de devorá-lo com um apetite voraz, como se ele não fosse um grande rei? — dizia ela. — Ó, céus! O que seria de mim se as suas penas leves e finas, sopradas pelo vento, chegassem até a minha prisão anunciando-me o desastre que tanto temo?

Esse pensamento impediu que a pobre princesa cerrasse os olhos, afinal, quando se ama, até as ilusões parecem verdadeiras, e o que de início parece impossível, torna-se uma possibilidade, de modo que Florina chorou o dia todo, até chegar a hora de ir para junto da janela.

O charmoso pássaro, escondido no oco de uma árvore, passara o dia todo pensando em sua bela princesa.

— Como estou contente por tê-la encontrado! — dizia ele. — Como é encantadora! Sinto vivamente o carinho que ela demonstra sentir por mim!

Esse terno amante contava os segundos para o fim da penitência que o impedia de se casar com ela; ninguém jamais havia desejado algo com tanta paixão. Como queria voltar a fazer à Florina todas as galanterias de que era capaz! Voou para a capital de seu reino; foi ao seu palácio, adentrou seu gabinete através de um vidro que estava quebrado e pegou uns brincos de diamantes, tão perfeitos e tão belos que não havia no mundo nada que se comparasse a eles. Levou-os à noite para Florina e rogou-lhe para que os usasse.

— Eu consentiria caso me vísseis pela manhã — disse-lhe ela. — Porém, como só falo convosco durante a noite, não os porei.

O pássaro prometeu-lhe que apareceria conforme sua disponibilidade, que viria à torre na hora que ela quisesse. Assim sendo, prontamente ela colocou os brincos nas orelhas e, assim como na ocasião anterior, passaram a noite a conversar.

No dia seguinte, o pássaro azul retornou ao seu reino, dirigiu-se ao palácio e adentrou seu gabinete pelo vidro quebrado. Dessa vez, pegou os braceletes mais elegantes que já foram vistos: eles eram de uma esmeralda única, bem esculpidos e perfurados ao meio para se passar a mão e o braço.

— Pensais que meus sentimentos por vós precisam ser cultivados com presentes? — disse-lhe a princesa. — Ah! Como me

conheceis mal.

— Não, madame — retorquiu ele. — Não creio que as bagatelas que vos ofereço sejam necessárias para que me conserveis a vossa ternura. Os meus sentimentos, porém, seriam afetados se eu vos negligenciasse a mais ínfima demonstração de carinho. Além disso, quando não me virdes, estas pequenas joias me trarão à vossa memória.

Florina disse-lhe uma porção de palavras aprazíveis, às quais ele respondeu com milhares de outras à altura.

Na noite seguinte, foi a vez do pássaro apaixonado levar à sua amada um relógio de admirável grandeza, o qual se encontrava dentro de uma pérola; a excelência do trabalho empregado na confecção da peça superava a da matéria.

— É inútil me presenteardes com um relógio — disse ela galantemente. — Quando estais longe de mim, as horas parecem não ter fim; quando estais comigo, elas passam como num sonho, de modo que não posso mensurá-las devidamente.

— Ó, minha princesa, quanta delicadeza! — suspirou o pássaro azul. — Tenho a mesma opinião que a vossa, porém em porção dobrada!

— Depois do que sofrestes a fim de conservar o vosso coração para mim, estou convencida de que levastes as noções de amizade e estima o mais longe que elas poderiam chegar — replicou ela.

Quando o dia raiava, o pássaro voava para o fundo de sua árvore, onde alguns frutos lhe serviam de alimento. Às vezes, ele cantava belas melodias: sua voz agradava os passantes, que, ao escutarem e não verem ninguém, chegavam à conclusão de que eram vozes de espíritos. Essa crença se tornou tão comum que já não se ousava entrar no bosque; houve relatos de milhares de aventuras fabulosas que teriam acontecido ali. Como resultado, o terror generalizado garantiu a segurança do pássaro azul de forma excepcional.

Não se passava um dia sequer sem que ele não oferecesse um presente à Florina: um colar de pérolas, anéis dos mais brilhantes e dos mais perfeitamente forjados, adereços de diamantes, broches, buquês de pedras preciosas que imitavam o formato e a cor das flores, livros agradáveis, medalhas, enfim, ela adquiriu um conjunto maravilhoso de tesouros. Não os trajava a não ser durante a noite para agradar o rei; de manhã, sem ter onde guardá-los, escondia-as cuidadosamente no meio da palha.

Dois anos passaram assim, sem que Florina reclamasse uma só vez de seu cativeiro. E por que se queixaria? Tinha a satisfação de conversar toda noite com aquele a quem amava; jamais foram ditas coisas tão belas. Ainda que ela não visse pessoa alguma e que o

pássaro passasse o dia dentro do buraco de uma árvore, tinham muito o que contar um para o outro; a matéria era infindável, pois o coração e o intelecto de ambos lhes forneciam abundantes assuntos para conversarem.

Enquanto isso, a maliciosa rainha, que a mantinha tão cruelmente na prisão, esforçava-se inutilmente para desposar Trutona. Enviava emissários para oferecerem sua mão a todos os príncipes que ela conhecia de nome. Porém, tão logo chegavam nos reinos estrangeiros, eram expulsos bruscamente, pois lhes diziam:

— Se fosse da parte da princesa Florina, seríeis recebidos com alegria. Porém, tratando-se de Trutona, não há quem se oponha ao fato dela permanecer casta.

A cada comentário, ela e sua mãe se enchiam de ódio contra a inocente princesa que perseguiam:

— Ora! Mesmo presa essa arrogante nos atrapalha? — diziam elas. — De que forma a perdoaríamos com todos esses contratempos que ela nos causa? Florina deve manter correspondências secretas com os países estrangeiros. Trata-se, no mínimo, de um crime de Estado! Devemos tratá-la desse modo, como criminosa, procurando todos os meios possíveis para levá-la a julgamento!

Elas terminaram o conselho tão tarde, que já era mais de meia-noite quando resolveram subir à torre para interrogá-la. Ela estava na janela com o pássaro azul, adornada de pedras preciosas; seus belos cabelos estavam bem arrumados, com um cuidado que não era natural às pessoas maltratadas; seu quarto e seu leito estavam repletos de flores e de alguns incensos que ela havia acabado de acender, os quais espalhavam um aroma excelente. A rainha escutou à porta; julgou ouvir uma canção entoada em coro, pois Florina possuía uma voz quase celestial. Eis aqui as afetuosas palavras que ela parecia ouvir:

Que sorte deplorável a nossa,
E quantos tormentos passamos
Por tão fortemente nos amarmos,
Mas é em vão que nos põem à prova;

Malgrado nossos cruéis inimigos,
Nossos corações seguirão sempre unidos.

Alguns suspiros finalizaram o pequeno concerto.

— Ah, minha Trutona, nós fomos traídas! — bradou a rainha, abrindo a porta abruptamente e lançando-se para dentro do recinto.

O que Florina fez ao vê-la? Fechou rapidamente sua pequena janela, dando tempo para que o pássaro real alçasse voo. Ela estava bem mais preocupada com a segurança do seu amado do que com a

sua própria. Mas ele não teve forças para deixá-la; seus olhos atentos divisaram o perigo ao qual sua princesa estava exposta, pois conseguira ver a rainha e Trutona. Que aflição por não estar em condições de defender sua dama! Elas se aproximaram de Florina como fúrias prestes a devorá-la.

— Sabemos de vossas conspirações contra o Estado — vociferou a rainha. — Não penseis que vossa estirpe poderá resguardar-vos das punições que mereceis.

— Conspiro com o auxílio de quem, madame? — contestou a princesa. — Não tendes sido minha carcereira por dois anos? Tenho visto outras pessoas a não ser aquelas que me enviais?

Enquanto ela falava, a rainha e sua filha examinavam-na com uma surpresa sem par; sua beleza irreparável e seus extraordinários acessórios deixaram-nas embasbacadas.

— E de onde tirastes, madame, essas pedras preciosas que brilham mais que o sol? — disse-lhe a rainha. — Quereis que acreditemos que há minas escondidas nesta torre?

— Eu as encontrei aqui — replicou Florina. — Isso é tudo o que sei.

A rainha olhava para ela atentamente, a fim de penetrar no mais profundo de seu coração e descobrir o que de fato se passava.

— Não somos bobas — disse a soberana. — Pensais que nos engana, princesa, mas sabemos o que fazeis desde o raiar do dia até à noite. Deram-vos todas essas joias com o único propósito de obrigar-vos a vender o reino de vosso pai.

— Falais como se eu estivesse em condições de fazê-lo! — respondeu Florina, com um sorriso desdenhoso. — Como é que uma princesa desafortunada e agrilhoada por tanto tempo poderia ter parte em um complô dessa natureza?

— Então por que é que estais penteada como uma pequena coquete, com o vosso quarto todo perfumado e portando-vos tão magnificamente, como nunca o fizestes no palácio? — replicou a rainha.

— Tenho estado muito ociosa — respondeu a princesa. — De modo que não há nada de extraordinário em dedicar alguns momentos para me arrumar. Tenho passado muitas horas a chorar os meus desgostos, não podeis repreender-me por isso.

— Ora, ora, vejamos então se essa inocente menina não tem nenhum trato feito com inimigos — disse a rainha.

Ela mesma vasculhou todos os cantos do recinto. Chegando ao monte de palha, mandou esvaziá-lo; encontrou ali uma quantidade tão grande de diamantes, pérolas, rubis, esmeraldas e topázios que ficou sem entender de onde tudo aquilo poderia ter vindo. Decidida a implantar alguns papéis que incriminassem a princesa, tentou

escondê-los na chaminé num momento em que ninguém prestava atenção nela. No entanto, por sorte, o pássaro azul, que enxergava melhor que um lince, estava empoleirado bem ali em cima e percebeu tudo. Ele gritou:

— Tenhas cuidado, Florina, eis a tua inimiga prestes a cometer uma fraude.

Aquela voz misteriosa deixou a rainha tão espantada que ela não ousou fazer o que havia premeditado.

— Vede, madame — disse a princesa. — Os espíritos que voam pelo ar são favoráveis a mim.

— Creio que são os demônios que se interessam por vós — disse a colérica rainha. — Vosso pai saberá fazer justiça.

— Quisesse o céu que eu temesse apenas a fúria de meu pai! — exclamou Florina. — Mas a vossa, madame, é a mais terrível!

A rainha se retirou, perturbada com tudo o que vira e ouvira. Aconselharam-na sobre o que fazer contra a princesa: disseram-lhe que se Florina estivesse sendo protegida por alguma fada ou feiticeiro, o segredo para irritá-los seria causar-lhe novos sofrimentos; talvez assim o mistério pudesse ser resolvido. A rainha aprovou essa sugestão e enviou uma jovem donzela (que se fazia de inocente) para dormir na alcova da princesa. Ordenaram-lhe que dissesse à Florina que estava ali apenas para servi-la. Como puderam armar uma emboscada tão grosseira? A princesa sabia que se tratava de uma espiã; sua angústia só se agravava.

— Ora! Não poderei mais falar com aquele pássaro tão querido! — disse ela. — Ele me ajudava a suportar minhas tristezas e eu consolava as tristezas dele. Nossa ternura nos bastava. O que ele vai fazer agora? O que será de mim?

Enquanto refletia sobre todas essas coisas, vertia rios de lágrimas.

Não ousava se aproximar da janelinha, apesar de ouvir o pássaro voando perto dela; morria de vontade de abri-la, mas temia pôr em risco a vida de seu amado. Florina passou um mês inteiro sem aparecer. O pássaro azul se desesperava. Quantos lamentos ele não fazia! Como viver sem contemplar sua princesa? Jamais sentira tanto as dores da saudade e da sua transformação! Tentava remediá-las, mas era inútil; ainda que tentasse se distrair, não encontrava nada que de fato o consolasse.

A espiã da princesa, que por um mês permanecera vigilante dia e noite, enfim sentiu-se tão cheia de sono que adormeceu profundamente. Quando se deu conta disso, Florina abriu sua janela e disse:

Pássaro azul da cor do firmamento,

Voai até mim neste exato momento.

Essas foram as palavras ditas por ela, sem tirar nem pôr. O pássaro as ouviu muito bem, tanto que prontamente empoleirou-se na janela. Que alegria ao se reverem! Havia tanto a se dizer! Os juramentos de afeto e fidelidade se renovaram milhares e milhares de vezes. A princesa não conseguia conter suas lágrimas; seu amado comoveu-se muito e a consolou da melhor forma que pôde. Enfim, a hora do adeus se aproximava sem que a carcereira despertasse. Fizeram a despedida mais comovente do mundo. No dia seguinte, a espiã adormeceu de novo; a princesa foi prontamente para junto da janelinha, então disse como da primeira vez:

Pássaro azul da cor do firmamento,
Voai até mim neste exato momento.

O pássaro chegou no mesmo instante e a noite do nosso exultante casal se passou como a outra, sem ruídos e sem clarões. Alegravam-se pela espiã vigilante demonstrar tanto prazer em dormir; ela certamente faria o mesmo todas as noites. Efetivamente, a terceira foi igualmente aprazível. Na noite seguinte, porém, a dorminhoca despertou ao ouvir alguns ruídos e começou a escutá-los disfarçadamente; depois, espiando como podia, viu ao clarão da lua o mais belo pássaro do universo falando com a princesa, acariciando-a com a sua pata e bicando-a suavemente. Conseguiu escutar uma boa parte da conversa e ficou deveras pasmada, pois o pássaro falava como um homem enamorado, a quem a bela Florina respondia com ternura.

Quando o dia raiou, os amantes se despediram. Como se pressentissem a aproximação de uma desgraça, separaram-se com extrema dificuldade. A princesa lançou-se sobre sua cama toda banhada em lágrimas, enquanto o rei retornou para o buraco de sua árvore. A carcereira correu até a rainha; relatou-lhe tudo o que vira e ouvira. Esta mandou buscar Trutona e suas confidentes; elas pensaram juntas por um longo tempo e concluíram que o pássaro azul era o rei Charmoso.

— Que afronta! — bradou a rainha. — Que afronta, minha Trutona! Essa princesa insolente, que eu acreditava estar completamente angustiada, repousava alegremente com os agradáveis discursos do nosso ingrato rei! Ah! Hei de me vingar de uma maneira tão sangrenta que falarão disso para sempre!

Trutona pediu-lhe para não perder mais nenhum instante, afinal, como se julgava mais interessada naquele assunto do que a própria mãe, morria de prazer ao pensar em tudo o que poderia ser

feito para desolar o vassalo e a suserana.

A rainha reenviou a espiã à torre, ordenando-lhe que não levantasse suspeitas nem demonstrasse curiosidade, e que parecesse mais sonolenta que o normal. Ela se deitou em boa hora e roncou o melhor que pôde. A pobre e ingênua princesa, abrindo a pequena janela, exclamou:

Pássaro azul da cor do firmamento,
Voai até mim neste exato momento.

Ela o chamou a noite toda inutilmente, pois ele não apareceu. A perversa rainha mandara encher o cipreste de espadas, facas, lâminas e punhais; quando o pássaro azul pousou depressa em um dos galhos da árvore, tais armas mortíferas cortaram-lhe as patas, fazendo-o cair sobre outro galho, com outras lâminas, as quais lhe cortaram as asas. Por fim, todo perfurado, fugiu com mil ferimentos para sua árvore, deixando um longo rastro de sangue.

Por que não estáveis lá, bela princesa, para amparar o majestoso pássaro? Ela, porém, teria morrido se o tivesse visto em um estado tão deplorável. Ele, no entanto, já não se importava mais com sua vida, crendo que Florina teria sido a responsável por pregar-lhe aquele revés.

— Ah, bárbara! — dizia dolorosamente. — Então é assim que retribuís a mais pura e terna paixão que jamais existiu? Se ansiáveis a minha morte, por que não a pedistes a mim? Ela me seria agradável se executada por vossas mãos. Eu iria até a vossa presença cheio de amor e confiança! Sofreria por vós, e sofreria sem me queixar! Ora, me sacrificais em nome da mais cruel das mulheres! Ela era nossa inimiga em comum, mas acabastes por fazer as pazes com ela às minhas custas. Sois vós, Florina, sois vós quem me apunhala! Tomastes a mão de Trutona e a conduzistes diretamente ao meu peito!

Essas funestas elocubrações afetaram-no de tal maneira que estava decidido a morrer.

Mas seu amigo, o Feiticeiro, que testemunhara um de seus regressos ao palácio na companhia das rãs voadoras com a carruagem, preocupou-se com seu desaparecimento e afligiu-se ao pensar no que poderia ter-lhe acontecido. Percorreu a terra inteira oito vezes a procurá-lo, mas foi impossível encontrá-lo. Ele fazia sua nona expedição quando passou pelo bosque onde o pássaro estava, e, seguindo os procedimentos que havia prescrito, tocou uma corneta por um longo tempo e depois gritou cinco vezes com toda sua força:

— Rei Charmoso, rei Charmoso, onde estais?

O rei reconheceu a voz de seu melhor amigo.

— Aproximai-vos desta árvore e vede o infeliz rei a quem

estimais mergulhado em seu próprio sangue — respondeu ele.

O Feiticeiro, estupefato, olhou por toda parte sem nada encontrar.

— Sou um pássaro azul — disse o rei com uma voz falha e lânguida.

Com essas palavras, o Feiticeiro o encontrou sem dificuldade em seu pequeno ninho. Qualquer outra pessoa teria ficado completamente espantada; ele, porém, sabia tudo sobre a arte da necromancia. Bastou proferir algumas palavras para estancar o sangue que ainda vertia, e, com algumas ervas que encontrou no bosque, sobre as quais recitou dois motes de grimório, curou o rei com tanta perfeição que era como se ele nunca tivesse sido ferido.

O Feiticeiro pediu-lhe que contasse as desventuras que o levaram a se transformar em pássaro e quem o havia ferido tão cruelmente. O rei sanou sua curiosidade: disse-lhe que tinha sido Florina quem delatara as misteriosas e românticas visitas secretas que ele lhe fazia, e que, para ficar de bem com a rainha, havia consentido que guarnecessem o cipreste das mais variadas lâminas, por intermédio das quais ele quase fora fatiado. Lamentou milhares de vezes a infidelidade daquela princesa e disse que preferia ter morrido antes de conhecer um coração tão maléfico. O mago destilou invectivas contra ela e contra todas as mulheres. Por fim, aconselhou o rei a esquecê-la.

— Que desgraça seria a vossa se ainda continuásseis a amar aquela ingrata! — disse-lhe ele. — Depois do que ela vos fez, não se pode duvidar de mais nada.

O pássaro azul não pôde concordar. Ainda amava Florina com muito carinho, e o Feiticeiro, que conhecia os sentimentos do amigo, apesar dos cuidados que ele empregava em escondê-los, disse-lhe de uma maneira afável:

Em meio a um cruel dissabor,
Falamos e arrazoamos em vão;
Nada escutamos além da dor,
Nem mesmo os conselhos que nos dão.
Deixemos o tempo passar,
Pois não há um ponto de vista somente;
E sofreremos inutilmente
Enquanto a hora certa não chegar.

O pássaro real consentiu e pediu para que seu amigo o levasse para casa e o colocasse numa gaiola onde estivesse protegido das patas do gato e de qualquer arma mortífera.

— Ireis permanecer por mais cinco anos num estado tão

deplorável e tão pouco conveniente aos vossos afazeres e à vossa dignidade? — perguntou-lhe o Feiticeiro. — Tendes inimigos que sustentam a teoria de que estais morto. Há quem intencione invadir o vosso reino, tenho boas razões para crer que o tereis perdido antes de recobrar a vossa forma primordial.

— Não poderei eu estar em meu palácio e governar plenamente como costumava fazer? — replicou ele.

— Ó! — exclamou seu amigo. — Como seria difícil! Os que obedeciam a um homem não hão de obedecer a um papagaio. Aqueles que vos temiam enquanto rei, envolto em grandeza e ostentação, hão de arrancar-vos todas as penas quando vos virem transformado em um pequeno pássaro.

— Ah! Fraqueza humana! Brilho exterior! — exclamou o rei. — Mesmo os menores seres podem possuir méritos e virtudes dos quais eles possam se valer! Está bem, pensemos como filósofos e desconsideremos o que não está ao nosso alcance. No fim das contas, nossa decisão não haverá de ser das piores.

— Eu não me rendo tão facilmente — disse o mago. — Espero encontrar uma boa solução.

Florina, a triste Florina, desesperada por não mais ver o rei, passava os dias e as noites à janela, repetindo sem cessar:

Pássaro azul da cor do firmamento,
Voai até mim neste exato momento.

A presença de sua espiã não a constrangia mais; seu desespero era tal que não se importava com mais nada.

— O que sucedeu convosco, rei Charmoso? — declamava ela. — Nossos inimigos em comum vos fizeram sentir as cruéis consequências da raiva que nutrem por nós? Fostes sacrificado pela fúria deles? Ó, céus! Ó, céus! Não estais mais entre nós? Não devo encontrar-vos novamente, ou, farto das minhas desgraças, haveis me abandonado à minha árdua sorte?

Quantas lágrimas e quantos soluços acompanhavam esses meigos lamentos! Como as horas tornavam-se demasiadamente longas com a ausência de um amante tão amável e tão querido! A princesa, abatida, debilitada, magra e transformada, mal podia se levantar; ela estava convencida de que tudo o que havia de mais funesto recaíra sobre o rei.

A rainha e Trutona exultavam. A vingança lhes dava tanto prazer que até suplantava a dor e a ofensa que sofreram. Mas, afinal, que ofensa fora essa? O rei Charmoso não estava disposto a desposar um monstrinho que ele tinha mil razões para detestar. Nesse ínterim, o pai de Florina, que havia envelhecido, adoeceu e morreu. A sorte da

malvada rainha e de sua filha mudou: elas passaram a serem vistas como oportunistas que haviam abusado das mercês do falecido rei. O povo, amotinado, correu ao palácio aclamando a princesa Florina, reconhecendo-a como sua soberana. A rainha, irritada, quis tratar o assunto com altivez: surgiu em uma sacada e ameaçou o motim. No mesmo instante, instaurou-se uma rebelião generalizada; arrombaram as portas de seus aposentos, pilharam o local e o destruíram a golpes de pedra. Trutona fugiu para o castelo de sua madrinha, a fada Súcia, afinal ela não corria menos perigo que sua mãe.

Os nobres do reino se reuniram em assembleia e prontamente se dirigiram à torre, onde a princesa se achava muito enferma. Estava alheia à morte de seu pai e ao suplício de sua inimiga. Quando ouviu todo aquele barulho, não duvidou de que finalmente estavam vindo pegá-la para matá-la. Ela não ficou nem um pouco intimidada: a vida se tornara muito odiosa depois de ter perdido o pássaro azul. Seus súditos, porém, lançando-se aos seus pés, informaram-na da mudança que estava prestes a acontecer em sua sina. Ela, porém, não ficou nada comovida. Conduziram-na para o seu palácio e a coroaram.

Os infinitos cuidados que tomaram com sua saúde e o desejo que tinha de sair à procura do pássaro azul contribuíram muito para sua recuperação. Em pouco tempo teve forças o suficiente para nomear um conselho que zelaria pelo reino em sua ausência; depois, numa noite qualquer, pegou milhares de milhões de pedras preciosas e partiu totalmente sozinha, sem que ninguém soubesse para onde ela ia.

O Feiticeiro que tomava conta dos afazeres do rei Charmoso, sem ter poder o suficiente para desfazer o que Súcia havia feito, decidiu ir encontrá-la para lhe propor algum acordo na intenção de devolver ao rei sua figura original. Pegou as rãs e voou para o castelo da fada, que naquele momento conversava com Trutona. Entre um feiticeiro e uma fada quase não há distinção. Os dois se conheciam havia quinhentos ou seiscentos anos, e, nesse intervalo de tempo, estiveram de bem e de mal milhares de vezes. Naquela ocasião, ela o recebeu prazerosamente:

— O que desejais, meu compadre? — ela quis saber (é assim que todos eles se cumprimentam). — Há alguma coisa de vosso interesse que dependa de mim?

— Sim, minha comadre — disse o mago. — Minha satisfação depende completamente de vós. Venho falar sobre meu melhor amigo, um rei que haveis malfadado.

— Ha! Ha! Eu vos compreendo, compadre — exclamou Súcia. — Fico entristecida, mas não espereis graça alguma em favor dele, a não ser que ele queira desposar minha afilhada. Ei-la aqui, linda e primorosa como podeis ver. Ele que se decida.

O Feiticeiro permaneceu calado, pois a considerava feia; entretanto, não podia simplesmente ir embora sem estipular qualquer acordo com a fada, pois o rei corria muitos riscos preso na gaiola. Uma vez o prego que a sustentava se rompeu; a gaiola tombou, e a majestade emplumada sofreu muito com aquela queda. Bichano, que se encontrava no recinto na ocasião do acidente, desferiu-lhe uma unhada num olho que quase o cegou. Numa outra vez, esqueceram-se de lhe dar de beber; estava prestes a morrer de sede quando enfim lhe deram algumas gotas de água. Um macaquinho travesso, tendo escapado de sua jaula, arrancou suas penas através das grades da gaiola, causando-lhe injúrias tal qual teria feito a um gaio ou a um melro. O pior de tudo aquilo é que Charmoso estava a ponto de perder seu reino: os herdeiros do trono espalhavam boatos diariamente a fim de convencer o povo de que o rei estava morto. No fim das contas, o Feiticeiro acertou com sua comadre Súcia que ela conduziria Trutona ao palácio do rei Charmoso, onde ficaria por alguns meses, durante os quais ele cogitaria tomar a decisão de desposá-la. Nesse meio-tempo, a fada devolveria sua forma humana, mas o transformaria novamente em pássaro se ele não quisesse se casar.

Súcia forneceu vestidos de ouro e de prata à Trutona, depois as duas montaram sobre um dragão e dirigiram-se ao reinado de Charmoso, onde aterrissaram na companhia de seu fiel amigo, o Feiticeiro. Com três toques de varinha, o rei se viu como era antes, bonito, formoso, inteligente e magnífico; mas lhe custava muito caro esse tempo que seria diminuído de sua penitência: tremia só de pensar em se casar com Trutona. O Feiticeiro lhe dava todas as razões que podia, mas elas mal abalavam seu juízo. Ele estava mais preocupado em encontrar um meio de prorrogar o prazo que Súcia havia lhe dado para se casar com Trutona do que com a condução de seu reinado.

Enquanto isso, a rainha Florina havia começado sua jornada disfarçada em roupas de camponesa: seus cabelos desgrenhados e embaraçados escondiam seu rosto, usava um chapéu de palha sobre a cabeça e um bornal de lona no ombro. Às vezes, seguia a pé, outras a cavalo, às vezes, por mar, outras por terra, fazendo tudo com todo cuidado possível. Porém, sem saber para onde ir, temia dirigir-se para um lado enquanto seu amado rei estivesse do outro. Um dia, encostou à beira de uma fonte em cuja água prateada havia alguns pedregulhos e pensou em lavar seus pés no fluxo de água. Sentou-se na grama, amarrou seus cabelos loiros com uma fita e colocou os pés no riacho: ela parecia Diana se banhando ao regressar de uma caçada. Foi quando passou por aquele lugar uma velhinha toda encolhida que se apoiava em uma formidável bengala. Aproximando-se dela, disse-lhe:

— Que fazes aí, minha bela filhinha? Estais bem desamparada!

— Minha boa mãe — disse a rainha. — Não deixo de estar em

grande companhia, pois trago comigo tristezas, inquietudes e desgostos.

Ao dizer essas palavras, seus olhos se encheram de lágrimas.

— O quê! Sois tão jovem para chorar — disse a boa mulher. — Ah, minha filha, não vos afligis mais. Dizei-me sinceramente o que tendes e talvez eu possa vos consolar.

A rainha se agradou; contou-lhe seus problemas, as atitudes que a fada Súcia havia tomado em relação ao caso e, finalmente, que estava procurando o pássaro azul.

A velhinha então se aprumou, ajeitou-se e, de repente, mudou de feição: tornou-se bela, jovem, vestida soberbamente, e, olhando para a rainha com um sorriso gracioso, disse-lhe:

— Incomparável Florina, o rei que procurais não é mais um pássaro. Minha irmã Súcia o fez retornar à sua primeira figura, ele está em seu reino. Não sofrais mais! Ao chegardes lá, dareis um fim ao vosso suplício. Eis aqui quatro ovos: devereis quebrá-los sempre que vos defrontardes com um perigo iminente e assim encontrareis auxílio que vos será útil.

Ao dizer essas palavras, ela desapareceu.

Florina sentiu-se muito aliviada com o que acabara de ouvir; colocou os ovos em seu bornal e volveu os passos em direção ao reino de Charmoso.

Depois de caminhar por oito dias e oito noites sem parar, chegou ao pé de uma montanha de prodigiosa altura, toda de marfim, tão íngreme e lisa que não se podia colocar os pés sem cair para trás. Tentou milhares de vezes inutilmente; escorregou, fadigou-se e, desesperada diante de um obstáculo tão intransponível, deitou-se aos pés da montanha, resolvida a se entregar à morte. Foi quando se lembrou dos ovos que a fada lhe dera. Pegou um e disse:

— Vejamos se ela não está zombando de mim ao prometer-me a ajuda de que necessito.

Assim que ela o quebrou, encontrou pequenos ganchos de ouro, os quais colocou nos pés e nas mãos. Com esse auxílio, escalou a montanha de marfim sem nenhuma dificuldade, pois os ganchos a prendiam, impedindo-a de escorregar. Quando chegou ao topo, teve novos problemas para descer: toda a encosta era um único espelho de vidro. Lá embaixo estavam mais de sessenta mil mulheres que se admiravam com extremo prazer, pois esse espelho tinha duas léguas de largura e seis de altura. Nele todas se viam da forma que desejavam ser: as ruivas pareciam loiras, os cabelos castanhos pareciam pretos, a velha pensava que era jovem e a jovem parecia não envelhecer; enfim, todos os defeitos ficavam tão bem escondidos, que ia gente dos quatro cantos do mundo para lá. Dava para morrer de rir vendo as caretas e os trejeitos que a maioria daquelas coquetes fazia. Tais circunstâncias

também atraíam os homens, pois o espelho os agraciava da mesma forma. A uns fazia parecer ter belos cabelos, a outros tornava mais altos e bem-apessoados, com ar marcial e melhor aparência. Diante daquelas circunstâncias, as mulheres não mais zombavam dos homens, nem os homens das mulheres. Aquela montanha era conhecida por mil nomes diferentes. Ninguém jamais havia alcançado o seu cume, de modo que quando viram Florina lá, as damas soltaram graves gritos de desespero:

— Aonde vai essa desavisada? — disseram elas. — Não há dúvidas de que ela está disposta a caminhar sobre o nosso espelho. No primeiro passo ela o despedaçará por completo.

E fizeram uma algazarra abominável.

A rainha não sabia o que fazer, pois considerava um grande perigo descer até lá; então quebrou outro ovo, do qual saíram dois pombos e um trenó, que no mesmo instante tornou-se grande o suficiente para acomodá-la bem. Em seguida, os pombos a conduziram suavemente para baixo, sem que nada de ruim acontecesse. Ela lhes disse:

— Meus amiguinhos, se me conduzísseis ao lugar onde o rei Charmoso mantém sua corte, estaríeis me fazendo um grato favor.

Os pombos, civilizados e obedientes, não pararam de voar nem um dia e nem uma noite até chegarem às portas da cidade. Florina desembarcou e deu a cada um deles um doce beijo mais estimável que uma coroa.

Ó! Como seu coração pulsava ao entrar! Ela sujou o rosto para não ser reconhecida. Perguntou aos transeuntes onde poderia encontrar o rei. Alguns começaram a rir.

— Ver o rei? — questionaram. — O que queres com ele, Porcalhona? Vai te limpar, não tens olhos dignos o suficiente para ver tal monarca.

A rainha não respondeu nada: afastou-se devagar e continuou a perguntar aos demais passantes para onde ela deveria seguir a fim de ver o rei.

— Amanhã ele deverá ir ao templo com a princesa Trutona — disseram-lhe. — Pois ele enfim consentiu em casar-se com ela.

Céus! Que notícia! Trutona, a indigna Trutona, prestes a se casar com o rei! Florina pensou em morrer, já não tinha mais forças para falar e nem para andar. Meteu-se debaixo de um pórtico, sentou-se sobre as pedras e se escondeu entre seus cabelos e seu chapéu de palha.

— Quão azarada sou! — disse ela. — Vim aqui apenas para intensificar o triunfo de minha rival e tornar-me testemunha de sua satisfação! Tudo isso porque o pássaro azul parou de me visitar! Foi em nome dessa monstrenga que ele me fez a mais cruel de todas as

injúrias. Mesmo tomada pelas dores, eu me preocupava com a conservação de sua vida! Enquanto isso, o traidor havia mudado. Esqueceu-se de mim como se nunca tivesse me visto, deixando-me aflita com sua longa ausência, sem se preocupar com a minha.

Quando se tem muita dor, é raro ter um bom apetite, de forma que a rainha procurou abrigo e foi dormir sem jantar. Ela se levantou ao raiar do dia e correu para o templo; só entrou depois de ter superado as mil recusas dos guardas e dos soldados. Ela viu o trono do rei e o de Trutona, que já era vista como a rainha. Quanta dor para uma pessoa tão meiga e delicada como Florina! Agachada, ela se aproximou sorrateiramente do trono de sua rival; levantou-se e escondeu-se atrás de um pilar de mármore. O rei veio primeiro, mais bonito e mais garboso do que jamais esteve em toda sua vida. Trutona apareceu em seguida, ricamente vestida, mas tão feia que assustou a todos. Ela olhou para a rainha, franziu a testa e disse-lhe:

— Quem és tu para ousar se aproximar de minha ilustre figura e ficar tão perto do meu trono de ouro?

— Meu nome é Porcalhona — ela respondeu. — Venho de longe para vender-vos estas raridades.

Imediatamente ela revirou seu bornal de lona e apanhou os braceletes de esmeralda que o rei Charmoso havia lhe dado.

— Ora, ora! — exclamou Trutona. — Que lindos brilhantes! Queres uma moeda de cinco cêntimos por eles?

— Mostrai-os, madame, aos conhecedores — disse a rainha. — E depois faremos nosso negócio.

Trutona, que como uma tola amava ternamente o rei, ficava feliz quando encontrava uma oportunidade de falar com ele. Aproximou-se do seu trono e mostrou-lhe os braceletes, pedindo-lhe que fizesse uma avaliação. Ao ver tais braceletes, ele se lembrou daqueles que havia dado à Florina; empalideceu, suspirou e ficou por um longo tempo sem responder. Finalmente, temendo que desconfiassem do lugar para onde seus diferentes pensamentos o haviam conduzido, fez um esforço e respondeu:

— Estas pulseiras valem, creio eu, tanto quanto meu reino. Acredito que haja apenas um par delas no mundo, e estas são muito similares.

Trutona retornou ao seu trono. Ela tinha uma aparência pior que a de uma ostra com escamas. Pediu àquela desconhecida que lhe dissesse, sem hesitar, qual era o preço daqueles braceletes que ela tanto queria.

— Teríeis muita dificuldade em me pagar, madame — disse ela. — É melhor que eu vos ofereça um trato. Se me permitísseis dormir uma noite no gabinete de ecos que há no palácio do rei, daria minhas esmeraldas a vós de bom grado.

— Estou de acordo, Porcalhona — disse Trutona, rindo como uma louca e mostrando seus dentes mais compridos que as presas de um javali.

O rei não procurou saber de onde aqueles braceletes tinham vindo; não pela falta de interesse em saber quem os levara até ali (pois sua noiva não dissera nada que despertasse sua curiosidade), mas pela repulsa incontrolável que sentia por Trutona. Cabe dizer que quando o rei ainda era um pássaro azul contara à princesa que em seu palácio havia um cômodo que era chamado de gabinete de ecos, tão engenhosamente feito que tudo o que se dizia, mesmo em voz baixa, era ouvido pelo rei quando ele estava deitado em seu quarto. Como Florina queria repreendê-lo por sua infidelidade, não conseguia imaginar uma maneira melhor de fazê-lo.

Levaram-na para o gabinete por ordem de Trutona. Uma vez ali, ela começou a se lamentar e a se queixar.

— A desgraça que eu teimava em duvidar já é dada como certa, cruel pássaro azul! — disse ela. — Me esqueceste e agora amas minha indigna rival! Os braceletes que recebi da tua iníqua mão já não me trazem à tua memória de tão esquecida que estou!

Os soluços interromperam seu discurso. Quando teve forças o suficiente para voltar a falar, lamentou-se novamente e continuou até a manhã seguinte. Os valetes do gabinete ouviram-na gemendo e suspirando a noite toda. Contaram à Trutona, pois esta demandava saber que algazarra tinha sido aquela. Disse que dormia muito bem, sonhando como era de costume, até que a estranha começou a falar muito alto. Já o rei não havia escutado nada por conta de uma curiosa fatalidade: é que de tanto ter amado Florina, não conseguia mais dormir, e quando se deitava na cama para descansar, davam-lhe ópio.

A bela rainha passou uma parte do dia com uma estranha ansiedade.

— Se ele de fato me ouviu, poderia haver indiferença mais cruel? — ponderava ela. — Mas se não me ouviu, que farei eu para garantir que ele me ouça?

Florina não possuía raridades mais extraordinárias que os braceletes; todas as pedras preciosas que tinha no bornal eram bonitas, mas precisava de qualquer coisa que caísse no gosto de Trutona. Então ela decidiu recorrer aos seus ovos. Quebrou mais um e, imediatamente, tirou de lá uma pequena carruagem de aço polido, guarnecido de ouro; nela estavam atrelados seis camundongos verdes, conduzidos por uma ratazana cor-de-rosa, e o postilhão, que também era da família dos ratos, era cinza como linho. Dentro da carruagem havia quatro marionetes mais engraçadas e mais animadas que todas aquelas que apareciam nas feiras de Saint-Germain e Saint-Laurent; elas faziam coisas surpreendentes, especialmente as duas pequenas

egípcias, que, ao dançarem a sarabanda[5] e o passa-pé[6], faziam-no tão bem quanto Leance[7].

A rainha ficou encantada com aquela nova obra-prima da arte necromante. Não disse palavra alguma até que a noite chegasse e desse a hora de Trutona sair para caminhar. Meteu-se num beco, fazendo galopar seus camundongos, que arrastavam a carruagem, as ratazanas e as marionetes. Tal singularidade surpreendeu tanto Trutona que ela exclamou duas ou três vezes:

— Porcalhona, Porcalhona, queres cinco centavos pela carruagem com os camundongos e tudo mais?

— Perguntai aos letrados e aos doutores deste reino o quanto deve valer uma maravilha como esta, e eu me satisfarei com o lance mais modesto — respondeu Florina.

Trutona, que em tudo era resoluta, respondeu:

— Deixa de me importunar com tua presença imunda, diz-me o preço.

— Dormir novamente no gabinete de ecos — ela respondeu. — É tudo o que vos peço.

— Vai, pobre besta — concordou Trutona. — Isso não te será recusado.

E, voltando-se para suas damas, disse-lhes:

— Eis uma criatura estúpida por retirar tão poucas vantagens de suas raridades.

A noite veio. Florina disse tudo o que pôde imaginar de mais meigo, mas o fez tão inutilmente quanto da última vez, porque o rei nunca deixava de tomar o seu ópio. Os valetes diziam entre eles:

— Não há dúvida de que essa camponesa é louca. No que é que ela pensa a noite toda?

— Contudo, não deixa de haver sabedoria e paixão nas coisas que ela diz — diziam outros.

Ela esperou impacientemente pelo raiar do dia para ver quais efeitos seus discursos teriam produzido.

— O quê! Aquele bárbaro ficou surdo à minha voz? — dizia ela. — Ele já não escuta a sua querida Florina? Ah! Quanta fraqueza por ainda amá-lo! Bem mereço os sinais de desprezo que ele me dá.

Mas era em vão que ela assim pensava, pois não conseguia se livrar de seu sentimento. Havia apenas mais um ovo em seu bornal, com o qual esperava obter alguma ajuda. Ela o quebrou: tirou de lá uma torta feita de seis aves, a qual estava bem paramentada, assada e muito bem preparada. Tais aves, apesar de assadas, cantavam maravilhosamente bem, proclamavam boas sortes e sabiam mais de medicina que o próprio Esculápio[8]. Florina ficou encantada com algo tão admirável; passou um tempo falando com sua torta na antecâmara de Trutona.

Enquanto esperava que ela passasse, um dos valetes do rei aproximou-se dela e disse-lhe:

— Minha pobre Porcalhona, sabíeis que se o rei não tomasse ópio para dormir, certamente iríeis atordoá-lo? Murmurais a noite toda de uma maneira surpreendente.

Florina ficou deveras surpresa com o que acabara de ouvir. Vasculhou seu bornal e disse:

— Pouco temo interromper o repouso do rei, tanto que, se vós não o fornecerdes o ópio esta noite, caso eu durma neste mesmo quarto, todas essas pérolas e todos esses diamantes serão vossos.

O valete consentiu e deu-lhe sua palavra. Alguns momentos depois, Trutona veio. Ela viu a rainha com sua torta e quis comê-la.

— Que fazes aí, Porcalhona? — ela perguntou.

— Madame, estou a devorar astrólogos, músicos e médicos — respondeu Florina.

Naquele mesmo instante, todas as aves desataram a cantar mais melodiosamente que as sereias. Depois elas piaram:

— Dai-nos carta branca e diremos a vossa sorte.

Um pato, que se sobressaía, berrava mais alto que os outros:

— Quá, quá, quá, eu sou um médico, trato de todos os males e de todo tipo de loucura, exceto a do amor.

Trutona, muito surpresa com todas as maravilhas que presenciara naqueles dias, afirmou:

— Puxa! Eis uma excelente torta! Ora, ora, desejo tê-la; quanto custa, Porcalhona?

— O preço de sempre — disse ela. — Dormir no gabinete de ecos, nada mais.

— Toma — disse Trutona, generosamente (pois ela estava de bom humor pela aquisição de uma torta daquelas) — Ganharás uma pistola.

Florina, que estava mais contente do que antes pois esperava que o rei fosse escutá-la, retirou-se fazendo agradecimentos.

Assim que a noite chegou, ela foi conduzida ao gabinete, desejando com ardor que o valete mantivesse sua palavra, e que em vez de dar o ópio para o rei, desse-lhe qualquer outra coisa que o mantivesse acordado. Quando pensou que todos haviam adormecido, deu início às suas lamentações corriqueiras.

— A quantos perigos fui exposta para te encontrar enquanto fugias de mim desejando casar-se com Trutona — disse ela. — O que te fiz eu, cruel, para olvidares teus juramentos? Lembra-te de tua metamorfose, das minhas bondades, das nossas conversas carinhosas.

Ela então repetiu quase todos os diálogos que tiveram, provando que aquelas eram as lembranças mais estimadas entre todas as suas memórias.

O rei não dormiu e ouviu claramente a voz de Florina e todas as suas palavras, sem conseguir entender de onde elas vinham. Seu coração, tomado de ternura, fê-lo recordar tão vivamente a figura de sua incomparável princesa que lamentou sua separação com a mesma dor que sentira no instante em que as lâminas o feriram no cipreste. Do outro lado do quarto, ele começou a contar o que acreditava que a rainha tinha feito com ele.

— Ah, princesa — disse ele. — Fostes muito cruel com um amante que vos adorava! Me oferecestes em sacrifício aos nossos inimigos!

Florina ouviu o que ele disse e não tardou em respondê-lo. Disse-lhe que se ele quisesse conversar com a Porcalhona, poderia esclarecer todos os mistérios que não haviam sido explicados até então. Com essas palavras, o rei, impaciente, chamou um de seus valetes e pediu-lhe para encontrar a Porcalhona e trazê-la até ele. O valete respondeu que seria fácil, pois ela estava dormindo no quarto de ecos.

O rei não sabia o que pensar. Como poderia acreditar que uma rainha tão magnânima como Florina estava disfarçada de mendiga? Por outro lado, como é que a Porcalhona teria a mesma voz da rainha e conheceria segredos tão particulares se não fosse ela mesma? Levantou-se com essa incerteza, vestiu-se apressadamente e desceu por uma escada secreta que dava no quarto de ecos. Trutona havia pegado a chave para si, mas o rei possuía uma chave mestra que abria todas as portas do palácio.

Encontrou Florina em um vestido branco de tafetá, o qual ela estava usando debaixo de suas roupas grosseiras. Seu lindo cabelo cobria seus ombros; deitada em uma poltrona, uma lamparina um pouco distante a iluminava minimamente. O rei avançou abruptamente em sua direção, e, como o seu amor suplantava qualquer ressentimento, assim que a reconheceu, lançou-se aos seus pés, banhou suas mãos em lágrimas e pensou que fosse morrer de alegria, de dor e de mil outros sentimentos que ocuparam a sua mente todos ao mesmo tempo.

A rainha não ficou menos perturbada; seu coração se comprimiu, ela mal podia respirar. Olhou fixamente para o rei sem dizer nada a ele. Quando teve forças para falar, já não estava mais disposta a repreendê-lo. O prazer de revê-lo fez com que ela se esquecesse por algum tempo das queixas que tinha para fazer. Finalmente, com tudo esclarecido, eles se justificaram. A ternura que sentiam um pelo outro voltou a despertar. Nada mais os atrapalharia, a não ser a fada Súcia.

Mas, naquele momento, o Feiticeiro, que amava o rei, chegou na companhia de uma fada famosa: era precisamente aquela que havia

dado os quatro ovos para Florina. Depois dos primeiros cumprimentos, o Feiticeiro e a fada declararam que, com seus poderes unidos em favor do rei e da rainha, Súcia nada podia contra eles, de modo que não havia mais nenhum motivo que retardasse o seu casamento.

É fácil imaginar a alegria daqueles dois jovens amantes: assim que o dia raiou, a notícia se espalhou por todo o palácio, e todos ficaram encantados ao verem Florina. As boas-novas chegaram rapidamente à Trutona. Ela correu até o rei, e que surpresa não foi encontrar a sua bela rival! Assim que cogitou abrir a boca para lhe dirigir insultos, o Feiticeiro e a fada apareceram, transformando-a em uma porca, pois desejavam conservar ao menos uma parte de suas características naturais[9]. Grunhindo, ela fugiu rumo ao celeiro, onde lhe foram dirigidas enxurradas de gargalhadas que a fizeram entrar em desespero.

O rei Charmoso e a rainha Florina, livres de uma pessoa tão odiosa, não pensavam em mais nada além da festa de suas núpcias, onde a galanteria e a magnificência marcaram presença. Não é difícil presumir o quanto ficaram felizes depois de tantos infortúnios.

MORALIDADE

Trutona queria se casar com Charmoso,
E, mesmo sendo incapaz de o cativar,
Quis firmar um matrimônio lamentoso
Que somente a morte poderia separar;
Uma imprudência sem par!

Ela não sabia que tal casamento
Se verteria em escravidão e tormento
Se o amor não estivesse por perto.
Ao fim, penso que Charmoso foi esperto.

Ao meu ver, muito melhor seria
Ser pássaro azul, corvo ou outra ave disforme
Do que ter de passar pela dor enorme
De vermos a quem odiamos todos os dias.

Desse tipo de casamento, nosso século está fecundo:
Os matrimônios seriam mais felizes,
Se o melhor feiticeiro do mundo
Se opusesse às más diretrizes,
Jamais permitindo que o casamento unisse,
Por capricho ou para tirar vantagem,
Dois corações infelizes, caso ambos não se amassem.



[1] Ninfa, deusa das flores e da primavera, uma das esposas de Zéfiro.

[2] Uma libra equivale a cerca de meio quilo.

[3] Pergaminho de pele de vitelo, considerado o de melhor qualidade à época.

[4] Antiga moeda de prata de valor variado, usada como unidade de medida durante o Antigo Regime.

[5] Dança cerimonial lenta introduzida na corte francesa no século XVI e que entrou em voga sob o reinado de Luís XIII.

[6] Dança de salão francesa de origem campesina, popularizada na corte francesa durante o reinado de Luís XV. Os dançarinos costumavam se caracterizar de pastores e pastoras para realizar a performance.

[7] Famosa dançarina egípcia do século XVII que alcançou sucesso em Paris aos dezesseis anos.

[8] Deus da medicina e da cura nas mitologias grega e romana.

[9] O texto informa que Trutona foi transformada em porca para que duas de suas características fossem mantidas: parte de seu nome e sua rabujice natural. Como explicitado no início do conto, o nome da perversa princesa, “Truitonne”, é um apelido dado em referência às suas características de truta. Este nome, porém, também faz ressoar o vocábulo “truie”, que significa “porca” (leitoa, feminino de porco), justificando a escolha do animal no qual ela se transformou.